

O FUTURISMO PAULISTA

«Si eu fosse assaz joven e assaz ousado, violaria todas as leis da fantasia; usaria de allitterações, de assonâncias e de tudo que me parecesse commodo...»

Goethe

Não é novidade para ninguém o forte influxo que de tempos para cá vêm exercendo, sobre certos belletristas paulistanos, as ideias modernistas no terreno da arte e da literatura. Mas antes de tudo se deve attentar no que sejam essas ideias modernistas.

Sob o ponto de vista artistico e sobretudo literario, o seculo XIX, exceptuados os ultimos annos, os da reacção symbolista, foi de uma esterilidade rara. A illusão de seu fulgor durará enquanto durarem os passadistas, o que quer dizer em menos palavras que durará pouco. Comtudo, entre aquelles mesmo, ha muito já cahiram em descredito os Antonys e as Margarida Gauthier. Dentro em breve quem se lembrará ainda dos Rougon Macquart? Passarão para o dominio da paleontologia.

Pode-se dizer sem emphase que a maior parte das grandes ideias surgidas com o *fin de siècle*, algumas um tanto exageradas, outras raramente seguidas, tiveram por ponto de convergencia o movimento futurista iniciado com o manifesto de 20 de Fevereiro de 1909 publicado no «Figaro» de Paris por Filippo Tommaso Marinetti, natural de Alexandria.

Atacado pelo sanchopancismo da época, que era o de todas as épocas, exaltado pelos homens de intelligencia e coragem e por alguns *snoobs* imbecis tambem, o novo movimento tem naturalmente os seus erros, como todas as grandes reacções, mas possui tambem a vantagem immensa e inapreciavel de trazer algo de novo, vantagem que só por si já o justifica e o torna louvavel. A tendencia para o novo é a base e o fundo mesmo do movimento. Todo o resto é exterioridades.

Por isso não é tão censuravel o erro de alguns que chamam futurista a toda tendencia mais ou menos innovadora. E já hoje é nessa significação que se comprehende quasi universalmente a denominação de futurismo.

O musicista Pratella, cuja opera *La Sina de Vargöun* feita sobre um poema seu e em versos livres conquistou entre outras muitas concorrentes em 1910 o premio de 10 000 libras outorgado por uma commissão competentissima (mestros P. Mascagni, G. Orefice, G. Mattioli, R. Ferrari e o critico Gian Battista Naffi), diz que todos os innovadores têm sido logicamente futuristas em relação a seu tempo.

Vamos agora aos futuristas de São Paulo que, como já se vê, podem ser chamados assim. Não se prendem aos de Marinetti, antes têm mais pontos de contacto com os modernissimos da França desde os passadistas Romain Rolland, Barbusse e Marcel Proust até os exquisitos Jacob, Apollinaire, Stietz, Salmon, Picabia e Tzara.

Em todo o caso iniciaram um movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, movimento unico, pode se dizer, no Brasil e na America Latina. Depois de ter revelado um artista de primeira ordem que é Victor Bucheret, a velha terra dos Bandeirantes vae collaborar

para o progresso das artes com uma pleiade disposta a sacrificios para attingir esse ideal. Um dos seus chefes é Menotti Del Picchia, já conhecido em todo o Brasil como auctor do lindo poema *Juca Mulato* e tambem da horrivel palhaçada *Lais*. Outro não menos illustre é Osvaldo de Andrade que escreveu os tres romances atnda inéditos, que vão constituir a Trilogia do Exilio: *Os Condemnados*, *A Estrella de Absynto* e *a Escada de Jacob*. Ha ainda muitos outros como Mario de Andrade, do Conservatorio de S. Paulo, que escreveu ha tempos uma serie de artigos de sensação sobre «Os Mestres do Passado».

Não é preciso citar Guilherme de Almeida que, aliás, com a sua visão esthetica originalissima está um pouco fóra do movimento. Guilherme, que possui uma alma de artista como poucos, tem promptas obras do valor de *Scherazada*, das *Canções Gregas*, de *A Flor que foi um homem* e reserva-nos ainda grandes surpresas.

Seria injusto esquecer outros nomes de valor como Moacyr Deabreu, Ribeiro Couto, Agenor Barbosa e Afonso Schmidt, que, embora não sejam todos paulistas ou não residam em São Paulo, nem por isso deixam de colaborar activamente para o seu progresso literario. Cabe pois aos que se interessam nesse progresso animar o futurismo de S. Paulo, que não é apenas uma reacção medrosa como tantas outras que têm surgido entre nós e que quasi infallivelmente terminaram como as comedias de Becque num «Prenez garde: voila mon mari».

Sergio Buarque de Hollanda